



## **A crise no governo Dilma: enquadramentos propostos pela Revista Veja<sup>1</sup>**

*The crisis in Dilma's government: frameworks proposed by  
Veja Magazine*

**Rejane de Oliveira Pozobon<sup>[a]</sup>**

**Andressa Costa Prates<sup>[b]</sup>**

<sup>[a]</sup> Doutora, UFSM, e-mail: rejane.op@terra.com.br

<sup>[b]</sup> Mestra, UFSM, e-mail: andressa.c.prates@hotmail.com

---

<sup>1</sup> Um resumo expandido do presente estudo foi apresentado na 30<sup>a</sup> Jornada Acadêmica Integrada da Universidade Federal de Santa Maria, na data de 21 de outubro de 2015, na referida instituição de ensino.

## Resumo

O artigo busca identificar os “dispositivos de enquadramentos” (GAMSON; MODIGLIANI, 1989) utilizados pela *Revista Veja*, na edição de 18 de março de 2015, acerca da crise no governo Dilma. A edição é posterior às manifestações nacionais que pediram, entre tantas reivindicações, o *impeachment* da presidente. Os resultados obtidos são ancorados nos estudos de enquadramento, entendendo este como um conceito norteador que possibilita uma compreensão geral do objeto analisado. Percebe-se que a *Revista Veja* enquadra o governo Dilma como aquele que tem realizado “manobras malsucedidas”, em que a presidente toma atitudes “atrapalhadas”, está “paralisada”, age com “teimosia”, não confia nem mesmo em seus parceiros, não tem capacidade de autocrítica e apresenta dificuldade discursiva.

**Palavras-chave:** Dispositivos de enquadramentos. Governo Dilma. Revista Veja.

## Abstract

*The article seeks to understand the "framing devices" (GAMSON; MODIGLIANI, 1989) used by Veja Magazine, in the march 18, 2015 edition, about the crisis in Dilma's government. The edition was published after the national protests that asked, among many claims, the impeachment of the president. The results obtained are anchored in framing studies, understanding this as a guiding concept that enables a general understanding of the analyzed object. It is observed that Veja Magazine frames Dilma's government as the one that has held "unsuccessful maneuvers", where the president takes "confused" attitudes, is "paralyzed", acts as "stubborn", does not even trust in her partners, does not have capacity of self-criticism and shows discursive difficulty.*

**Keywords:** Framing devices. Dilma's government. Veja Magazine.

## Considerações iniciais

De acordo com Walter Lippmann (2008), boa parte do conhecimento que as pessoas adquirem sobre política provém do que é transmitido a elas pelos meios de comunicação. A referência da opinião pública a respeito do que acontece nos grandes centros de deliberação política, aos quais a maior parte da população não tem acesso, advém do trabalho realizado pela grande mídia. A imprensa, um aparelho dotado de hegemonia, como afirma Gramsci (2002), é quem faz a mediação dos acontecimentos da sociedade política para a sociedade civil, por vezes, atuando como um partido político na defesa de seus interesses políticos e econômicos.

Partindo da ideia de que a mídia não é somente o principal meio de acesso da população sobre o que acontece no cenário político e econômico de um país e do

mundo, mas que também se constitui numa instância privilegiada na formação da opinião pública, esta pesquisa busca identificar a representação midiática sobre a crise do atual governo brasileiro, embora não se tenha a pretensão de identificar o quanto a revista influenciou ou não a opinião de seus leitores sobre os temas abordados em seus textos. Destarte, justifica-se a escolha da *Revista Veja* como objeto empírico, pois, além de historicamente o veículo realizar oposição ao Partido dos Trabalhadores (PT), partido da Presidente da República Dilma Rousseff, é a revista semanal mais lida no Brasil, com cerca de 900 mil assinantes<sup>2</sup>.

Tendo isso em conta, foi escolhido como *corpus* de análise a edição<sup>3</sup> de 18 de março de 2015 do semanário, a publicação que sucedeu as manifestações públicas contra o governo que aconteceram em todo o país no dia 15 de março de 2015. Na edição escolhida, oito reportagens e três artigos de opinião têm como tema a crise política e/ou econômica no Brasil, os protestos, os pedidos de *impeachment* presidencial e demais pautas tendo o PT como eixo central de discussão. Para realizar o presente estudo, serão analisados dois artigos de opinião, quatro reportagens e a entrevista das páginas amarelas da referida edição, todos pautados no atual governo.

Os resultados obtidos são ancorados nos estudos de enquadramento, entendendo estes não apenas como um método de análise, mas como um conceito norteador que possibilita uma compreensão geral do objeto analisado. Além de um breve levantamento histórico do uso dos enquadramentos como processo teórico e metodológico, o texto aponta e justifica a escolha da operação de análise da presente pesquisa, no caso a proposta de Gamson e Modigliani (1989) de “pacotes interpretativos”. Os autores explicam que, por meio dos elementos encontrados em um texto, tem-se um conjunto de dados que dão a ideia organizadora central do discurso, o quadro ou frame.

Portanto, o presente estudo permitirá identificar quais os enquadramentos utilizados por *Veja* para representar os acontecimentos que envolvem a crise do governo que, no momento, tinham como ápice os protestos, os quais se espalharam por todo o país e cujos manifestantes, dentre outras mudanças, pediam o *impeachment* da Presidente.

Nos próximos itens, faz-se uma contextualização do governo Dilma, um breve histórico de *Veja* e parte-se para a metodologia de trabalho, as análises e as considerações sobre a pesquisa realizada.

---

<sup>2</sup> Com uma política editorial voltada à “direita” em termos político-ideológicos, *Veja* é alvo de ferenhas críticas por conta de sua visão conservadora, principalmente quando o tema abordado é a política ou a economia nacional. Tem sido também objeto empírico de centenas de pesquisas acadêmicas, em especial na área da comunicação, as quais, em sua maioria, concluem que a revista tem um enquadramento muito específico e que, muitas vezes, conta com valores-notícia questionáveis.

<sup>3</sup> Edição disponível no acervo digital da Revista, por meio do endereço eletrônico: <<http://veja.abril.com.br/acervodigital/home.aspx>>.

## O Governo Dilma

Eleita a primeira presidente mulher no Brasil, no ano de 2010, Dilma Rousseff assumiu o cargo de chefe do Estado em 2011, em sucessão ao também petista Luiz Inácio Lula da Silva. Foi reeleita em agosto de 2014, com 54.501.118 votos, representando 51,64 % dos votos válidos em segundo turno, o qual foi disputado com o candidato do PSDB, Aécio Neves.

Após um período eleitoral conturbado em 2014, o segundo mandato de Dilma inicia em meio a uma grave crise econômica e de credibilidade do governo. Membros do PT e de diversos outros partidos são acusados de envolvimento em corrupção e desvio de dinheiro em uma das mais importantes investigações da Polícia Federal e Ministério Público sobre corrupção no país, envolvendo a estatal Petrobras. A “Operação Lava Jato” (denominação dada pela PF) prendeu, dentre outros nomes, o então tesoureiro nacional do PT, João Vaccari Neto, operador do partido no esquema. Ou seja, Vaccari foi acusado de receber propina das empreiteiras pelos contratos fechados com a Petrobras.

A crise, os escândalos envolvendo o PT e o descontentamento com o governo culminaram com um protesto nacional, no dia 15 de março. Na ocasião, entre várias manifestações contra o atual governo, o destaque foi para os pedidos de saída de Dilma Rousseff da presidência do país. Porém, a grande crítica feita por parte da imprensa e por alguns cientistas políticos foi em relação à falta de consciência política dos manifestantes. Em meio aos gritos de “fora Dilma” existiam muitos manifestantes pedindo o *impeachment* presidencial e até mesmo a intervenção militar. Muitos dos que pediam o impedimento acreditavam que haveria novas eleições ou que Aécio Neves assumiria a presidência. Segundo pesquisa do instituto Datafolha<sup>4</sup>, 63% dos brasileiros defendiam o processo de *impeachment* contra a petista, sendo que apenas 37% destes sabiam que o cargo seria assumido pelo vice-presidente.

## O conceito de enquadramento aplicado ao campo da comunicação

As análises que se utilizam dos enquadramentos são encontradas em diversas áreas do conhecimento e têm como um dos precursores o sociólogo canadense Erving Goffman, por meio de seus estudos sobre os aspectos da vida cotidiana. A obra *Frame Analysis* foi publicada em 1974 e é considerada um marco teórico-metodológico das ciências sociais, sendo o autor um dos mais estudados e lembrados no âm-

---

<sup>4</sup> Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/poder/2015/04/1615424-maioria-quer-impeachment-de-dilma-e-nao-conhece-vice.shtml>>.

bito acadêmico. Outro considerado predecessor nos usos do conceito é o antropólogo Bateson (1955), que “investiga as premissas psicológicas necessárias para se decifrar e dar sentido aos fatos e acontecimentos, explicando que existem elementos conexos em um texto e, com base neles, um tema ou tópico é definido ou entendido pelos seus receptores” (SCHAEFER; POZOBON, 2014, p. 158).

Porém, foi Gaye Tuchman quem aplicou os estudos de enquadramento ao jornalismo, em 1978, na obra *“Making News: a study in the construction of reality”*. Mas foi somente na década de 1980 que os estudos de enquadramento aplicados às pesquisas em comunicação ganharam maior força, destacando-se entre os teóricos Gintlin, Gamson e Modigliani. E no Brasil, Ana Carolina Vimieiro, Rousiley Maia, Mauro Porto e outros.

Neste artigo analisamos a edição de 18 de março de 2015 da *Revista Veja*, suas reportagens, artigos de opinião e imagens, a fim de identificar os dispositivos de enquadramento utilizados e as representações realizadas pelo semanário em relação ao governo Dilma. Para tanto, foi acionada a teoria do enquadramento e utilizou-se a perspectiva teórico-metodológica empregada por Gamson e Modigliani (1989).

Os autores entendem que os enquadramentos podem ser identificados por meio dos elementos simbólicos dispostos nos textos. Esses elementos são compostos pelos “dispositivos de enquadramento” e pelos “dispositivos de justificação”. Por meio da identificação desses dispositivos seria possível inferir os “pacotes interpretativos”, que compreendemos como a junção de todos os enquadramentos propostos.

Gamson e Modigliani (1989) definem os “dispositivos de enquadramento” como os que sugerem como pensar sobre um tema, e são classificados em: metáforas, exemplos, *slogans* ou chavões, representações e imagens visuais; os “dispositivos de justificação” sugerem ou explicam o que deveria ser feito sobre o tema abordado, e são classificados em: origens ou causas, consequências ou possíveis efeitos e apelo a princípios. Para este estudo, optamos por identificar apenas os “dispositivos de enquadramento”, pois compreendemos que a definição destes elementos simbólicos dá conta da proposta de pesquisa.

## O Governo Dilma em Veja

Se levarmos em consideração que as notícias são construções da realidade, esse conceito estará muito ligado ao de representação, pois a construção da realidade feita pelo jornalista, ao reportar os fatos, está diretamente relacionada ao modo como este compreende, interpreta e, portanto, representa esses

acontecimentos no momento da construção narrativa. Assim também acontece com a concepção de representação aqui trabalhada, conceito entendido como a maneira pela qual os sujeitos interpretam e pensam a realidade cotidiana, conforme explica Mazzotti (2008, p. 22-23), seguindo a percepção cunhada por Moscovici, de que o sujeito:

em sua atitude representativa, ele não reproduz passivamente um objeto dado, mas, de certa forma, o reconstrói e, ao fazê-lo, se constitui como sujeito, pois, ao apreendê-lo de uma dada maneira, ele próprio se situa no universo social e material.

Partindo-se destas definições, percebe-se que *Veja* representou o governo Dilma por meio de escolhas de palavras, adjetivações, exposição de opinião, caracterizando-o como aquele que tem realizado “manobras malsucedidas”, em que a presidente toma atitudes “atrapalhadas”, está “paralisada” perante a crise e as críticas, age com “teimosia”, não confia nem mesmo em seus parceiros de governo, não tem capacidade de autocrítica e apresenta dificuldade discursiva, considerando, ainda, como características de Dilma as “tortuosidades da mente presidencial”; representa o PT como um partido de interesseiros, conforme se verifica na reportagem “*E o governo mal começou...*”.

Na reportagem “*Até ela fala naquilo*”, de André Petry, notou-se que o foco do texto não é a pessoa da presidente, como na maioria dos outros, mas sim no processo de *impeachment* em si, o qual é considerado negativo, mas possível, caso a situação de crise do governo continue se intensificando. No texto de Giuliano Guandalini, “*Como o Brasil foi pro buraco*”, a situação de crise econômica vivenciada é representada, inclusive na imagem gráfica que ocupa uma página, por um buraco do tamanho do país, o qual foi cavado pela presidente desde o seu primeiro mandato, por meio de suas “barbeiragens”. No artigo de J. R. Guzzo, o governo é representado como subversivo e antidemocrático; Dilma e Lula são vistos como aqueles que realizam apologia ao ódio e à intolerância.

Por meio desses dois textos podemos identificar o processo de personalização da política. Ou seja, “as personagens políticas sobrepõem-se aos temas políticos e os temas políticos são tratados como questões pessoais. A complexidade da política e a subordinação dos meios de comunicação às imagens conduzem à personificação dos acontecimentos” (INNERARITY, 2006, p. 32). Compreendemos que esta situação em que os problemas políticos ou a causa de crises são atribuídos a somente um agente político simplifica e menospreza os acontecimentos, podendo ser entendido como uma consequência da estratégia midiática de reduzir as complexidades dos assuntos abordados na tentativa de atingir todos os públicos.

Os exemplos encontrados e destacados em tabela corroboram com as representações da revista sobre a presidente ou sobre o seu governo, são sentenças e parágrafos que contribuem para a construção da narrativa exemplificando fatos, descrevendo situações e acontecimentos. Nas imagens e em suas legendas, assim como nos exemplos, a revista as utiliza para enfatizar a ideia que o texto quer transmitir, com destaque para a imagem de capa, a qual, de certa forma, sintetiza as representações encontradas dentro dos textos.

Já as metáforas, por meio de comparações, reforçam o sentido das representações que a revista faz sobre o governo. Com uma linguagem leve, muitas vezes com tom de ironia, as metáforas encontradas nas reportagens e artigos da edição analisada de *Veja* facilitam a compreensão do leitor sobre temas que em geral são mais complexos, como a economia, embora perceba-se que *Veja* não busca aprofundar o debate sobre os assuntos tratados em suas reportagens.

A seguir, apresentam-se as análises dos dispositivos de enquadramento:

1. *Capa da edição*: a capa da edição analisada tem como imagem o desenho de computação gráfica da presidente Dilma com os olhos vendados com a faixa presidencial, lembrando um dos símbolos da justiça, a cegueira. A cegueira<sup>5</sup> simboliza a ignorância e o deslumbramento, mas também a imparcialidade. No direito, diz-se que a justiça é cega, pois pesa as decisões sem olhar a quem. A imagem reforça então a representação de *Veja* sobre a presidente e seu governo, de que as atitudes errôneas de Dilma levaram o país e o governo para a situação de crise. Pode sinalizar também a ideia de que a presidente está perdida e não enxerga a saída da crise. Todos esses juízos reforçam as representações encontradas nos textos.
2. Artigo de opinião – “*Qual a saída?*” (Roberto Pompeu de Toledo):

---

<sup>5</sup> Os significados dos símbolos da justiça podem ser acessados no *site* do STF: <<http://www.stf.jus.br/portal/cms/verTexto.asp?servico=bibliotecaConsultaProdutoBibliotecaSimboloJustica&pagina=inicio>>

<b>Metáforas</b>	“De novo, a culpa era da crise internacional! A comandante Rousseff negava a realidade como o general Gúriev”.
<b>Exemplos</b>	“Porque hoje era o dia que eu podia e ele podia. Eu podia, mas quase que não podia, porque eu vinha para cá. Mas, como tem duas horas de fuso, fiz a reunião. “Collor já acusava de ‘terceiro turno’ a mobilização contra seu governo. O PT ensaiou um terceiro turno com o ‘Fora FHC’”. “A característica dificuldade da presidente de articular o discurso manifestou-se na entrevista que deu no Acre”. “Há muito o que esbravejar nas ruas. Corrupção, desgoverno, mentiras. Ineficiências”.
<b>Slogans ou chavões</b>	“Todas essas razões, assaltando-lhe a mente, produziram mais um hit do discurso presidencial”.
<b>Representações</b>	“As trapalhadas se multiplicam” . “Acompanhem as tortuosidades da mente presidencial” . “a crise cresce e cada vez mais se corporifica e se resume em sua pessoa” .
<b>Imagens visuais</b>	Não há imagens.

3. Reportagem – “*E o Governo mal começou...*” (Mariana Barros e Daniel Pereira):

<b>Metáforas</b>	“A tempestade parece perfeita.” “a própria Dilma passou recibo da gravidade da situação.” “As manifestações deste domingo vão jogar mais gasolina na fogueira.” “Dilma passa a borracha nos erros do passado.” “recolocar o Brasil nos eixos.” “abandonam o barco antes do naufrágio.” “As forças democráticas, certamente, se oporiam à venezuelização do país.” “Dilma está encurralada por uma crise política.” “Embalada pelo figurino de faxineira ética.”
<b>Exemplos</b>	“Há duas semanas, não passavam de trinta as convocações para as marchas no Facebook. Esse nº dobrou desde o panelaço. Já a quantidade de mensagens que associavam a imagem da presidente à palavra <i>impeachment</i> aumentou dez vezes no mês passado em relação a janeiro”.



	<p>“Pesquisas encomendadas pelo Palácio do Planalto mostram que os índices de popularidade da petista são piores que os do ex-presidente Fernando Collor de Mello”.</p> <p>“Os resultados negativos que afetam diretamente a vida dos eleitores começam a aparecer na forma de aumento do desemprego, da conta de luz e do preço dos alimentos no supermercado”.</p> <p>“Fernando Collor tentou essa manobra salvadora em 1992”.</p>
<b>Slogans ou chavões</b>	
<b>Representações</b>	<p>“A sucessão de manobras malsucedidas da presidente...”</p> <p>“[...], pois nada é mais difícil do que um parlamentar petista fazer o que o Brasil precisa quando a medida a ser tomada é impopular. Os planos do PT, como se sabe, vão bem até que o dinheiro dos outros acabe”.</p> <p>“O PT tentaria, com a mistificação de sempre, retomar o posto de representante da insatisfação popular”.</p> <p>“Seria a ‘saída pela esquerda’, com o aprofundamento do populismo assistencialista e o aumento dos gastos públicos. Os jornalistas oficiais, pagos com dinheiro do contribuinte, inundariam seus blogs com explicações oficiais, colocando a culpa nas ‘elites brancas’, no ‘imperialismo estadunidense’, na seca, na China e, claro, ‘na mídia golpista’”.</p>
<b>Imagens visuais</b>	<p>Presidente Dilma com os olhos fechados e expressão de preocupação evidenciada por rugas na testa. A imagem estampa uma página inteira.</p> <p>Uso de “gráfico” em forma de labirinto.</p>

#### 4. Reportagem – “A pior semana da presidente”(Pieter Zalis):

<b>Metáforas</b>	<p>“o naufrágio da economia”.</p> <p>“governo e oposição acertarão suas posições e escolherão as armas com que vão lutar”.</p> <p>“manter os olhos fechados”.</p> <p>“No labirinto em que se encontra”.</p> <p>“Temer e o ex-presidente Lula, juntamente com os caciques de seus partidos, defendem a ideia de que a melhor saída para a situação é espetar uma injeção de adrenalina no coração do governo”.</p>
------------------	---

	<p>“daria tintas novas a um governo que, sem sequer ter completado oitenta dias de vida, já está ‘envelhecido’”.</p> <p>“Lula recebeu a Dilma o passo a passo desse ‘reset’ político-administrativo”.</p> <p>“No PSDB, a estratégia, por enquanto, é permanecer em cima do muro”.</p>
<b>Exemplos</b>	<p>“Por meio da boa e velha distribuição de cargos na maquinaria pública, Dilma faria uma reforma ministerial que aplacaria os ímpetos conspiratórios de aliados, notadamente os do PMDB, mudaria radicalmente o seu grupo de conselheiros políticos”.</p> <p>“Embora o PSDB apoie os protestos contra o governo, suas lideranças não pretendem dar o ar da graça nas passeatas. Isso porque, na avaliação de tucanos, não existem, ao menos por ora, nem clima nem elementos jurídicos que possam impulsionar o <i>impeachment</i> de Dilma”.</p> <p>“Dilma foi vaiada por trabalhadores em São Paulo, teve o discurso na TV recebido com panelaços e precisou enfrentar a hostilidade da, cada vez mais inadequadamente, chamada base aliada”.</p> <p>“Os acontecimentos do dia 15 terão importância decisiva para os rumos políticos do Brasil”.</p>
<b>Slogans ou chavões</b>	
<b>Representações</b>	<p>“a presidente parece paralisada, relatam aliados, vítima de sua teimosia, da falta de confiança mesmo em assessores mais próximos e da dificuldade em lidar com situações de crise.”</p>
<b>Imagens visuais</b>	<p>A primeira imagem ocupa meia página, manifestantes durante protesto em vaia; segunda imagem também de meia página retrata um homem batendo panela da sacada de um prédio e a terceira imagem, em tamanho menor, com Eduardo Cunha (com mão na boca, expressão de espanto debochado), Collor e Renan Calheiros.</p>

##### 5. Reportagem – “Até ela fala naquilo” (André Petry):

Metáforas	
Exemplos	<p>“Fernando Henrique Cardoso: “<i>Impeachment</i> é como bomba atômica, serve para dissuadir, não para usar. [...] sendo desmentido pelos fatos quando o então presidente foi apeado do poder sem nenhum tumulto bombástico na ordem democrática. Quando a crise do mensalão estava no seu ponto mais agudo no governo de Lula, FHC voltou a usá-la”.</p> <p>“Na América do Sul redemocratizada, entre 1978 e 2003, foram eleitos quarenta presidentes. Entre eles, nove deixaram o cargo antes do previsto. É muito: 23% do total. Mas, desses nove, apenas um presidente deixou o cargo por meio de um <i>impeachment</i>: Fernando Collor”.</p> <p>“Richard Nixon, cujo nome se tornou um sinônimo de <i>impeachment</i>, nem foi processado. Acuado pelas descobertas do escândalo de Watergate, renunciou ao cargo em agosto de 1974, antes que o processo fosse instaurado”.</p> <p>“Lula não enfrentou um processo de <i>impeachment</i>, ainda que houvesse base legal para instalá-lo”.</p> <p>“Não se instaura um <i>impeachment</i> porque o presidente é impopular, não está fazendo um bom trabalho, a economia está em crise, nem mesmo porque cometeu estelionato eleitoral”.</p> <p>“O PT tentou o <i>impeachment</i>, mas FHC tinha o apoio no Congresso e não havia maciços protestos nas ruas”.</p> <p>“A diferença, agora, é que Dilma está perdendo apoio no Congresso numa rapidez estonteante. Se, junto com a erosão parlamentar, as ruas começarem a abrigar multidões atrás de multidões, aí a Dilma lembrará com amargura do dia em que resolveu dizer que ‘há que caracterizar razões para o <i>impeachment</i>’”.</p>
Slogans ou chavões	
Representações	<p>“Dilma, num tropeço amador, encarregou-se de atribuir à sua destituição do cargo uma aura de seriedade”.</p> <p>“A naturalidade com que se discute o <i>impeachment</i>, o que a própria Dilma fez ao refutar sua destituição, esconde que ele é a derradeira e não a primeira saída para as crises”.</p> <p>“Sua insistência informa o seguinte: <i>impeachment</i> é sempre traumático e complexo!”</p> <p>“<i>Impeachment</i> é difícil, mas civilizado; é a um só tempo jurídico e político, mas não é <i>recall</i>”.</p>

<b>Imagens visuais</b>	Primeira imagem, ocupando meia página, aceno de Collor e a mulher antes de entrarem em helicóptero deixando o Planalto; a segunda foto, aceno de Nixon ao renunciar nos EUA.
------------------------	--

6. Reportagem – *“Como o Brasil foi pro buraco” (Giuliano Guandalini):*

<b>Metáforas</b>	<p>“a situação na economia está mesmo ruça”.</p> <p>“Como o Brasil foi pro buraco”.</p> <p>“O buraco brasileiro foi escavado pelas barbeiragens feitas em seu primeiro mandato”.</p>
<b>Exemplos</b>	<p>“Ainda no fim dos anos Lula, a antiga equipe econômica usou a crise como desculpa para pôr em prática suas velhas (e antiquadas) ideias. Fechou os olhos para o aumento da inflação, promoveu uma farra de gastos públicos com benefícios e subsídios e solapou os fundamentos construídos, com muito esforço, desde a implantação do Real” .</p> <p>“A regressão nos anos Dilma não se mede apenas pelos indicadores. Houve um retrocesso também nas instituições econômicas” .</p> <p>“o governo aprofundou os desequilíbrios. Ficou sem caixa, e a penúria atinge até programas prioritários” .</p> <p>““Perdemos a capacidade de fazer políticas anticíclicas, de usar a política fiscal e monetária para estimular a atividade econômica””.</p> <p>“Dilma assumiu a Presidência em 2011 com o dólar abaixo de 1,70 reais. O preço praticamente dobrou, e tudo leva a crer que subirá ainda mais”.</p>
<b>Slogans ou chavões</b>	
<b>Representações</b>	<p>“Dilma, em pronunciamento oficial, faz discurso de palanque [...] O buraco brasileiro foi escavado pelas barbeiragens feitas em seu primeiro mandato”.</p> <p>“O buraco na economia, na verdade, foi cavado pelo governo, laboriosamente, nos últimos cinco anos”.</p> <p>“Sem autocrítica [...] Dilma culpou a crise externa e a seca pelas dificuldades na economia brasileira”.</p> <p>“A estagnação da economia atual não é tão grave quanto as crises financeiras do passado. Os fundamentos, entretanto, pioraram nos anos Dilma”.</p>

<b>Imagens visuais</b>	Imagem em desenho de Dilma cavando um buraco, sendo este o mapa geográfico do Brasil; na expressão da caricatura, a presidente esboça um sorriso contido e olhar quase perverso; a segunda imagem é do discurso presidencial do dia da mulher; na terceira foto, o Ministro da Fazenda reunido com Renan Calheiros e outros representantes, ocasião em que o Executivo tentava aprovar ajustes.
------------------------	---

7. Artigo – “A pior subversão” (J. R. Guzzo):

<b>Metáforas</b>	<p>“todos os que não estão no seu bonde”.</p> <p>“O esforço mais repetido nessa catequese é o sequestro da palavra ‘popular’”.</p>
<b>Exemplos</b>	<p>“se você não utilizar a liberdade de expressão para criticar o governo do seu país, então para que raios ela serve?”.</p> <p>“quando alguém se vale do direito de livre expressão para discordar do ex-presidente Lula, da presidente Dilma Rousseff e do PT, está praticando um delito” .</p> <p>“Sempre que o um governo dá a si próprio o direito de silenciar quem se opõe a ele, só tem um caminho pela frente: ir tomando decisões cada vez mais repressivas”.</p> <p>“Dilma e o PT agem como se isso lhes tivesse dado aprovação eterna, e como se o povo já tivesse decidido que eles devem ficar lá para sempre [...] qualquer tentativa de alternância do poder recebe o carimbo de “subversão”.</p> <p>“O governo nega a possibilidade de que exista fora da classe “AAA” algum brasileiro indignado com a corrupção”.</p> <p>“Os 51 milhões de eleitores que votaram em Aécio e contra Dilma, na última eleição presidencial, não fazem parte da população do Brasil”.</p> <p>“na segurança de plateias formadas apenas por militantes, faz discursos (Lula) carregados de ameaças, insultos e rancor contra ‘eles’ – todos os que querem dizer em voz alta que não concordam com o seu catecismo” .</p> <p>“não foi capaz de dizer uma única palavra para condenar a selvageria que o MST acaba de praticar” .</p>
<b>Slogans ou chavões</b>	<p>“tramoia perversa”.</p> <p>“instituto Lula”.</p> <p>“a trintade Lula-Dilma-PT”.</p>
<b>Representações</b>	<p>“A pior subversão”.</p>

	<p>“jornada nacional de protesto contra um governo que rompeu com os governados, com a razão e com a realidade”.</p> <p>“os atuais donos do poder no Brasil”</p> <p>“A liberdade, dizem, só serve quando é usada para concordar com eles, ou para tratar de algum assunto que não os incomode”.</p> <p>“Essa liberdade domesticada, inofensiva e sujeita à aprovação prévia das autoridades, que o governo quer empurrar à força para cima do país, não é liberdade nenhuma”.</p> <p>“o governo está se mostrando perfeitamente incapaz de dar uma resposta decente a isso”.</p> <p>“não consegue entender como funciona uma democracia”.</p> <p>“moralidade, na filosofia do PT, é apenas “moralismo”, um vício que só ocorre nas mais altas esferas da sociedade” .</p> <p>“Na última delas, num ato em “defesa da Petrobrás” no Rio de Janeiro, prometeu pôr “o exército do MST” na rua. Foi ouvido, pouco depois, quando mulheres “sem terra” e com o rosto coberto por lenços invadiram um centro de pesquisas para destruir mudas de eucalipto; chegaram lá a bordo de quinze ônibus fretados por uma organização que vive de dinheiro público” .</p> <p>“Um disparate com idênticos teores de falência mental é a tese, especialmente exótica, segundo a qual quem se manifesta a favor do <i>impeachment</i> de Dilma está propondo um “golpe militar”.</p> <p>“É realmente extraordinário que diferenças de opinião possam levar ao ódio. Mas é justamente isso que Lula, Dilma e o PT estão construindo no momento” .</p>
<b>Imagens visuais</b>	<p>Imagem de duas mulheres, durante protesto do dia 15, segurando um cartaz: “Dilma leve o PT junto com você”. Ao lado a legenda ironiza: “Na visão do PT, as duas brasileiras ao lado estão praticando um delito...”.</p>

8. Entrevista páginas amarelas – “Um colapso anunciado” – com Ricardo Hausmann (Giuliano Guandalin):

<b>Metáforas</b>	<p>“Do contrário, as empresas serão preguiçosas”.</p> <p>“a tecnologia e o conhecimento se movem quando cérebros se movem.”</p>
<b>Exemplos</b>	<p>“O protecionismo impede o país de tirar proveito dos benefícios oferecidos pela globalização”.</p> <p>“A constituição aprovada no fim daquela década levou a um aumento das despesas públicas. Uma das consequências foi a alta da inflação ”.</p> <p>“O resultado é visível na infraestrutura inadequada. [...] a hiperinflação foi controlada, mas em grande parte graças a uma redução dos investimentos públicos e ao aumento dos impostos”.</p> <p>“O governo recorreu também a políticas no estilo anos 60, como no caso do pré-sal. A Petrobras deveria ter sido mantida em um regime competitivo”.</p> <p>“O Brasil, dono de um grande mercado interno de consumo, sempre usou essa característica como uma ferramenta de negociação. Tal instrumento, entretanto, foi utilizado de maneira errada, privilegiando políticas protecionistas” (destacado).</p> <p>“É inegável que o país tem pontos fortes, sobretudo no setor privado, com empresas dinâmicas e atuantes em diversas áreas. Em contrapartida, o setor público não demonstrou habilidade para executar reformas mais profundas”.</p> <p>“O governo deveria ter como prioridade o acúmulo de poupança pública, os investimentos em infraestrutura, a simplificação do sistema tributário”.</p> <p>“Com o mercado protegido, os consumidores pagam mais pelos produtos”.</p> <p>“mas o potencial do país é limitado por causa do ambiente macroeconômico bastante hostil” .</p> <p>“O setor privado deve ser focado no mercado externo” (destacado).</p> <p>“Os objetivos do Mercosul sempre penderam para o protecionismo”.</p>
<b>Slogans ou chavões</b>	
<b>Representação</b>	<p>“Um colapso anunciado”.</p> <p>“abusou da ganância e do protecionismo, mas não investiu no aumento da produtividade”.</p>

	<p>“O governo brasileiro, na fase de alta nas exportações, não fez reformas e contentou-se em ampliar benefícios sociais” (destacado).</p> <p>“O Brasil buscou reduzir as desigualdades e incentivar o crescimento por meio do aumento dos gastos públicos, com a criação de programas sociais e a concessão de subsídios”.</p> <p>“Não existe poupança pública. O governo gasta constantemente acima daquilo que arrecada”.</p> <p>“O Brasil parou de evoluir. Está estagnado”.</p> <p>“No Brasil, o protecionismo impede o país de tirar proveito dos benefícios de crescimento oferecidos pela globalização”.</p>
<b>Imagens visuais</b>	Imagem do entrevistado com as mãos no bolso.

Destaca-se no estudo dos textos a reportagem “*E o governo mal começou...*”, assinada por Mariana Barros e Daniel Pereira. Durante a leitura, fica claro que apenas o ponto de vista dos autores e da revista foi ressaltado. Os critérios jornalísticos, como o princípio de objetividade na busca pela exposição de opiniões diferentes sobre um mesmo fato, não foram respeitados. Os autores exibem o que entendem como as possíveis saídas de Dilma, sem expor a alegação de especialista que justifique os argumentos, mencionam apenas números de desaprovação à administração federal, não citam, por exemplo, os manifestantes que dias antes saíram às ruas em favor do governo. Apresentam o *impeachment* de Dilma como possibilidade (mesmo que no período ele não fosse considerado como provável, tanto pela oposição como pelos cientistas políticos), citando o processo diversas vezes, e elencando-o entre as “saídas possíveis” da presidente, apesar de considerar que: “O impedimento constitucional de um presidente dá a impressão, mesmo que falsa, de depuração da vida pública nacional”.

Nos textos, Dilma é identificada como aquela que não toma atitudes adequadas e está perdida em meio à péssima situação em que se encontra o governo. Em “*E o governo mal começou...*”, a primeira imagem exhibe a presidente com expressão desolada e, por meio das representações e exemplos, evidencia-se a opinião de que a presidente tem tomado atitudes erradas ou não as toma para não ser impopular. A reportagem traz um labirinto com o que consideram as possíveis atitudes a serem adotadas por ela. Outro texto em que se encontra o enquadramento de Dilma sem saída é na reportagem “*A pior semana da presidente*”, a qual também apresenta Dilma como alguém que está encurralada e paralisada diante das dificuldades; até mesmo as imagens mostram alguns dos que estão fazendo oposição ao seu governo – o povo vaiando, o panelaço e, por último, o trio: presidente da Câmara dos Deputados Eduardo Cunha (PMDB), o presidente do Senado Renan Calheiros (PMDB) e o senador Fernando Collor (PTB).



Especificamente em relação à crise econômica, na reportagem de Guandalini, *“Como o Brasil foi pro buraco”*, a revista afirma que a estagnação econômica piorou na administração de Rousseff e o Brasil se encontra “no buraco cavado por Dilma”. Por meio deste texto, percebe-se o uso frequente de linguagem popular, a fim de aproximar o leitor com o uso de termos informais, exemplificado nas expressões: *buraco brasileiro*, *barbeiragens*, *situação ruça*. Outra estratégia utilizada a fim de chamar a atenção do leitor é o uso de ironia; embora não faça parte das categorias pertencentes aos dispositivos de enquadramento, o seu uso é frequentemente nos textos analisados. Essa figura de linguagem aparece muitas vezes por meio do uso de aspas, como, por exemplo, no artigo de J. R. Guzzo, quando este menciona a Petrobrás – *“defesa da Petrobrás”*, o MST – *“o exército do MST”*, mulheres *“Sem-terra”*. Constata-se um enquadramento ironizado e preconceituoso de Guzzo (e de *Veja*) sobre o Movimento e seus membros; além das expressões destacadas, o autor faz uso do termo “invadiram” e acrescenta: “chegaram lá a bordo de quinze ônibus fretados por uma organização que vive de dinheiro público”. Outro aspecto a ser destacado neste artigo de opinião é a comparação entre os governos Lula e Dilma e, assim, a permanência do PT no poder, a um regime ditatorial: “Ganhar quatro eleições seguidas é enorme. Quantos regimes, pelo mundo afora, podem apresentar um desempenho igual?”

Pode-se verificar ainda que a Revista *Veja* muitas vezes realiza constatações sem apresentar provas. Um exemplo é no artigo *“A pior subversão”*, assinado por J. R. Guzzo, em que ele argumenta que Dilma e Lula inibem a liberdade de expressão da população, realizam apologia ao ódio e estimulam o desprezo entre as pessoas, afirma que o governo silencia quem se opõe a ele e assegura que o ex-presidente Lula, em discursos com militantes, realizaria ameaças aos que discordam do governo.

A defesa da concepção de Estado Mínimo, ou seja, da não intervenção do Estado na economia, na Revista *Veja* também é bastante evidente, principalmente na entrevista com o economista Ricardo Hausmann, na qual ele critica o protecionismo e a criação de novos programas sociais pelo Executivo Federal. Percebe-se, ainda, o apoio pela não interferência do Estado na criação de políticas fiscais e monetárias: “Mais tarde, a hiperinflação foi controlada, mas em grande parte graças a uma redução dos investimentos públicos e o aumento dos impostos”.

## Considerações finais

Por meio das identificações e análises dos dispositivos de enquadramento, assim como das demais constatações que o estudo da teoria do enquadramento permite, conclui-se que a revista, em sua edição de 18 de março de 2015, enquadrou Dilma como a presidente que não sabe o que fazer diante da crise e que está sem

saída. Nota-se que estes são os enquadramentos identificados pela pesquisa, embora não se descarte a existência de outros.

Percebemos, ainda, a ocorrência dos processos de personalização e espetacularização da política, este último sendo percebido, principalmente, nas imagens que ilustraram os textos. Sendo a lógica da mídia o drama, o espetáculo, a encenação, o entretenimento, os temas políticos acabam sendo tratados sob a mesma ótica. Afinal, “a encenação da política é o fruto mais característico da peculiar aproximação entre política e *mass media*” (GOMES, 1996, p. 30), em que “é preciso oferecer conteúdos capazes de garantir entretenimento suficiente para capturar a audiência de forma que esta possa, ao mesmo tempo, ser submetida à exibição dos produtos” (*ibidem*, p. 33).

Da mesma forma que em relação à personalização, entendemos que a espetacularização da política reduz as complexidades do campo político, além de contribuir para a alienação política dos leitores, assim como o acirramento de ódios e da polarização na política. Acreditamos que esse processo merece pesquisas mais aprofundadas, pois, a princípio, apenas o relacionamos à lógica comercial da mídia, mas outros aspectos podem ser hipoteticamente levantados, como o despreparo dos profissionais da mídia acerca dos temas políticos, da administração pública e de economia.

Outro aspecto que podemos constatar é a ausência de regras básicas de jornalismo, como dar espaço para opiniões divergentes e a busca de imparcialidade – mesmo que saibamos da impossibilidade de o profissional ser completamente objetivo e imparcial, há cuidados que devem ser tomados pelos jornalistas para que suas opiniões pessoais e do veículo não se sobreponham às temáticas abordadas nas reportagens.

Conclui-se que a análise dos “dispositivos de enquadramento”, propostos por Gamson e Modigliani (1989), permite que seja feito um estudo profícuo dos textos. A dissolução do texto em categorias, ou dispositivos, permite uma satisfatória análise do texto, possibilitando constatações que poderiam passar despercebidas em uma leitura não sistematizada.

## Referências

GAMSON, W.; MODIGLIANI, A. Media discourse and public opinion on nuclear power: a constructionist approach. **American Journal of Sociology**, v. 95, p. 1-37, 1989.

GOMES, W. Duas premissas para a compreensão da Política Espetáculo. In: **Mídia, ética e política**. Compós, 1996.

GRAMSCI, A. **Cadernos do cárcere**. São Paulo: Saraiva, 2002. v. 5.

INNERARITY, D. **O novo espaço público**. Lisboa: Texto, 2006.

LIPPMANN, W. **Opinião pública**. São Paulo: Vozes, 2008.

MAZZOTTI, A. Representações sociais: aspectos teóricos e aplicações à educação. **Revista Múltiplas Leituras**, v. 1, n. 1, p. 18-43, jan. /jun. 2008.

SCHAEFER, R.; POZOBON, R. (2014) **O líder em Exame**: o enquadramento da liderança na mídia de negócios. 2014. 130f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Centro de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2014.

Recebido: 31/12/15

Aprovado: 05/05/16

*Received:* 31/12/15

*Approved:* 05/05/16